



**REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

**CRIAÇÃO DE CONFIANÇA COMO BASE PARA UMA PAZ DURADOURA E
SUSTENTÁVEL**

INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA FILIPE JACINTO NYUSI, PRESIDENTE DA REPÚBLICA, “SILENCIAR AS ARMAS EM ÁFRICA ATÉ 2030: LIÇÕES DE MOÇAMBIQUE”, NO EVENTO PARALELO À CONFERÊNCIA DOS CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO DA UNIÃO AFRICANA, COORGANIZADO COM A CHATHAM HOUSE.

ADDIS ABABA, 17 DE FEVEREIRO DE 2023

Sua Excelência Azali Assoumani, Presidente da União das Comores, meu vizinho natural;

Sua Excelência Senhor Presidente Alain Berset, Presidente da Confederação Suíça, que nos acompanha virtualmente;

Senhores Ministros e Vice-Ministros aqui presentes;

Senhor Comissário para a Paz e Segurança e Representante do Presidente da Comissão da União Africana;

Senhores Representantes da Chatham House e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, reconhecendo a presença do Doutor Alex Vines, seu Director de Programas para África, Co-organizadores deste evento;

Caros Convidados, Diplomatas, Líderes Empresariais e da Sociedade Civil;

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Começo por agradecer aos co-organizadores pelo esmero na preparação deste evento, no âmbito da agenda da União Africana de silenciar as armas e promover um ambiente de paz e segurança.

Esta é uma nobre oportunidade para trocarmos experiências e estudarmos os casos de sucesso, pois, a paz é condição *sine qua non* para o desenvolvimento socio-económico, no quadro da agenda 2063 da UA.

Quero, em nome de todos os moçambicanos, saudar e agradecer a todos vós que se fazeis presentes neste evento, pessoalmente ou de forma virtual.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

A longa experiência de um conflito fratricida que Moçambique viveu, confere-nos a faculdade de valorizarmos a importância da agenda de silenciar as armas.

Quando assumi a presidência de Moçambique, a 15 de Janeiro de 2015, fi-lo com o compromisso de dedicar grande parte da minha vida a trabalhar para uma paz efectiva, duradoura e inclusiva em Moçambique.

Acreditei que os **desafios de África pudessem ser resolvidos pelos africanos, bastando o compromisso político das respectivas lideranças.**

Nós, Moçambicanos, apercebemo-nos de que um dos obstáculos para o silenciar das armas no nosso país, foi a limitada apropriação nacional, verificada nos processos de paz anteriores.

O processo de paz que temos estado a conduzir em Moçambique e a implementação do Acordo de Paz e Reconciliação Nacional procurou ser diferente, assumindo uma abordagem inovadora, enfatizando a confiança, discrição, diálogo e apropriação nacional.

Para colmatar esta lacuna, o meu Governo e o Partido da oposição, a Renamo que movia a guerra no país, liderado pelo falecido, Afonso Dhlakama, que Deus o tenha em Paz, decidimos manter contactos pessoais e directos e, ao mesmo tempo, supervisionando directamente os esforços para restaurar a paz em Moçambique.

Nesse processo, contamos com o apoio de parceiros de desenvolvimento e de peritos internacionais, destacando-se o trabalho em curso do Enviado Pessoal do Secretário-Geral da ONU, o Embaixador Mirko Manzoni, mas, num processo conduzido, inteiramente, pelos moçambicanos.

Estamos, por isso, orgulhosos do que conseguimos alcançar nos últimos anos, embora tenhamos consciência de que a manutenção da paz é um processo inacabado, que deve ser continuamente alimentado através da tolerância, reconciliação e inclusão.

Através do diálogo, vencemos as desconfianças e fomos capazes de identificar os principais problemas que estavam na origem da desunião dos moçambicanos.

Foi esta confiança que nos moveu a viajar em plena guerra para a base militar principal da Renamo, na zona de Gorongosa, ao encontro histórico cara-a-cara com Afonso Dlakama, o então líder do maior partido da oposição.

É a confiança que estamos a construir entre os moçambicanos que permitiu a indicação do primeiro Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário de Moçambique junto da Santa Sé no Vaticano, que é membro e presidente de um partido da oposição.

A importância de aperfeiçoar o processo de descentralização e a necessidade de evitar a existência dum partido armado com assento no parlamento. Estas foram as duas questões resolvidas através do diálogo.

Através do diálogo fomos capazes de assegurar a emenda pontual da Constituição, por unanimidade parlamentar, para permitir o aprofundamento da descentralização, introduzindo eleições provinciais.

Com o diálogo entre os moçambicanos, conseguimos assinar o Memorando de Entendimento sobre Assuntos Militares em 2018, criando, deste modo, as bases para o processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração - DDR, insuflando mais vida ao processo de paz.

Hoje, olhamos para os mais de três anos de implementação conjunta do Desarmamento, Desmobilização, e Reintegração com muita satisfação ao constatamos que, até ao momento, conseguimos abranger mais de **4.800** homens e mulheres que já se encontram nas suas comunidades, dos **5221** previstos, o que corresponde a **92%** do total.

Estamos a trabalhar para que ainda no presente ano, fechemos a última base da Renamo e incidamos a nossa acção no processo de reintegração e reconciliação nacional, incluindo a institucionalização de pensões.

Aliás, uma componente que traduz plena confiança no processo do dialogo é o facto de que nos nossos entendimentos, tanto os formais e os não formais, incluindo o cessar fogo, foram implementados antes da assinatura do Acordo de Paz de Maputo, a 06 de Agosto de 2019.

Outro elemento que consideramos crucial para o sucesso no processo de paz, foi a manutenção de um diálogo discreto, sem holofotes, porém honesto, entre as partes envolvidas nas negociações.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Mesmo quando se trata de uma questão desafiante e de extrema discórdia, não devemos perder a confiança no poder do diálogo. A determinação, o pragmatismo, a humildade, a paciência e a vontade de ouvir foram elementos centrais que contribuíram para o sucesso do processo de construção da paz.

Continuando com a partilha do caso moçambicano, o outro aspecto que ajudou para o sucesso foi optar por estratégias de manter a todos os intervenientes muito bem informados do que estava a acontecer no processo do diálogo pela paz.

Mantivemos, uma interacção permanente com os principais intervenientes, incluindo outros partidos políticos, líderes religiosos, dirigentes provinciais e locais, sociedade civil e a comunidade internacional.

Como resultado desta comunicação profícua, os líderes locais acolheram nas suas comunidades, o regresso dos combatentes desmobilizados, sem a síndrome da estigmatização, apoiando a sua reintegração e orientando-os na sua reinserção.

Importante aspecto de inclusão que igualmente tem estado a consolidar a Paz, é a participação plena, igual e significativa da mulher nos processos da vida política, social e económica do país.

Mundialmente, apenas um quinto dos cargos ministeriais são ocupados por mulheres. Ao alcançar a paridade de género nos cargos ministeriais do Governo, no ano passado, Moçambique junta-se a um grupo de apenas 14 países que alcançaram a paridade de género e por mérito próprio da mulher.

É na inspiração de todas estas realizações que queremos contribuir para a agenda africana de **silenciar as armas e promover um ambiente de paz e segurança**, que procuramos aprimorar, em primeiro plano, soluções africanas para os problemas africanos.

No combate contra o terrorismo em Moçambique, na província de Cabo Delgado, pode-se observar este princípio, pois, desde Julho de 2021, as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique, Ruanda e SADC encontram-se empenhadas no combate, com sucesso, aos terroristas, devolvendo gradualmente a tranquilidade no seio das populações nos distritos anteriormente afectados pelos terroristas.

Minhas Senhoras e Meus Senhores;

Caros presentes!

Em Junho de 2022, Moçambique foi eleito pela primeira vez e por unanimidade, Membro Não Permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Ao assumirmos o nosso mandato no Conselho de Segurança, queremos nos comprometer a usar a nossa humilde experiência acumulada durante o nosso próprio processo de paz para apoiar iniciativas, trabalhando proactivamente para ajudar outras nações a trilhar, com sucesso, o seu percurso rumo à paz.

Quero, deste modo, terminar, reafirmando o entendimento de que trabalhar juntos, tanto no Conselho de Segurança, no nosso continente, como na região, nos nossos países e nas nossas comunidades, aprender a confiar e a respeitar mutuamente, bem como a dar primazia ao diálogo na resolução de conflitos, é um ingrediente e caminho seguro para o silenciar de armas em África.

Cada um de nós deve ser um pacificador, um arquitecto e um construtor da paz.

Façamos do *silenciar de armas* um compromisso de todos e um compromisso realizável.

Muito Obrigado pela atenção dispensada!